

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

**TERRITÓRIOS E DESENVOLVIMENTOS: DIMENSÕES E ESCALAS
GLOBAIS A LUZ DAS DISCUSSÕES DE BRANDÃO¹**
**TERRITORIES AND DEVELOPMENTS: DIMENSIONS AND GLOBAL
SCALES IN LIGHT OF THE DISCUSSIONS OF BRANDÃO**

**Taciana Angélica Moraes Ribas², Sérgio Luiz Allebrandt³, Josiane
Brugnera Ghidorsi⁴, Romualdo Kohler⁵, Dilson Trennepohl⁶**

¹ Estudo realizado na Disciplina de Dimensões e Escalas do Desenvolvimento no PPGDR/UNIJUI

² Doutoranda em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR/UNIJUI e integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos em Gestão e Políticas Públicas, Desenvolvimento, Comunicação e Cidadania ? GPDeC. Bolsista Prosuc/Capes. E-mail: taciana.ribas@yahoo.com.br.

³ Professor do DACEC. Integra o Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional e é líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos em Gestão e Políticas Públicas, Desenvolvimento, Comunicação e Cidadania ? GPDeC ? Unijuí. E-mail: allebr@unijui.edu.br.

⁴ Doutoranda em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR/UNIJUI. Docente no Curso de Direito, da UNIFACVEST em Lages/SC. E-mail: josibrugnera@yahoo.com.br

⁵ Professor no PPGDR/UNIJUI. Doutor em Administração (Universidad Nacional de Misiones - UNAM, Argentina, 2009). Mestre em Desenvolvimento Regional (Universidade de Santa Cruz Do Sul, Brasil, 2002). Graduado em Economia (Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ, Brasil, 1992)

⁶ Doutor em Desenvolvimento Regional pela UNISC; Professor Efetivo do DACEC; Integra o Corpo Docente Permanente e Coordena o PPGDR - mestrado e doutorado da UNIJUI. dilson@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem se verificado um forte estudo nos meios acadêmicos acerca da temática do desenvolvimento, em que se observa muitas veias teóricas, ou visões, que buscam explicar este conceito. É possível avaliar que para se falar sobre desenvolvimento é imprescindível que se analise para que ou para quem desenvolver, pois pensar no desenvolvimento, implica, sobretudo, compreender os seus efeitos sobre a vida das pessoas, uma vez que são muitos os fatores que moldaram ou moldam determinados territórios, que podem ser contextualizados nas diversas escalas globais. Pensar em desenvolvimento significa ter um ponto de partida e um ponto de chegada.

Nesse sentido, após discussões percorridas durante a disciplina Dimensões e Escalas do Desenvolvimento no PPGDR da Unijuí, foi possível avaliar de modo geral todas as questões que implicam no desenvolvimento e quais os impactos que possam ocorrer positivamente e/ou negativamente para determinadas regiões.

Neste caminho, será abordado acerca do que Brandão (2007) traz em seu livro Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global, em que o ponto base desta discussão é a crítica que o autor faz sobre os pensamentos voltados ao localismo, pois para ele,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

esse pensamento leva para uma ótica de um pensamento único, sem levar em conta a multiplicidades de demandas e a heterogeneidade de uma dimensão espacial (local, territorial, urbana e regional).

Assim, busca-se verificar qual a ligação da discussão de Brandão (2007), com os temas debatidos em sala de aula, analisando todas as escalas e dimensões acerca do desenvolvimento.

METODOLOGIA

Este resumo pauta-se às discussões realizadas em sala de aula e em pesquisas bibliográficas acerca dos temas: desenvolvimento, territórios, escalas e dimensões. Nesse sentido, buscou-se aprofundar nas temáticas supra citadas, por meio de pesquisas sobre as diferentes escalas e dimensões do desenvolvimento, como exemplo, a global, continental, estadual, regional, local, bem como, no contexto socioeconômico e cultural de uma destas.

Logo, neste resumo, será feito uma análise à luz do livro de Brandão (2007), trazendo como exemplo o bioma do Cerrado Brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas discussões realizadas em sala de aula na disciplina já supracitada, se verifica que essas questões, as de desenvolvimento, estão ligadas às escalas continentais ou globais, tendo por base os diagnósticos dos países, e, Estados, capitais, coredes e mesorregiões, tendo em vista as diferentes visões políticas, sociais, de desenvolvimento econômico de heterogeneidades e diversificação tanto do caráter ideológico, quanto cultural, do estratégico ao organizacional, elementos quais o supra teórico fomenta e pontua quão fundamentais para o desenvolvimento; todos estes aspectos citados, sejam estes endógenos e exógenos a pensar-se em seus reflexos enquanto escalas imprescindíveis e fundamentais para o sistema.

Pensar em desenvolvimento em um determinado espaço geográfico, é necessário que inicialmente se parta de uma ideia do local, no entanto, de acordo com Brandão (2007), o localismo por si só não é suficiente para se pensar em desenvolvimento em escala global. É sim, fundamental, porém não se sustenta, de modo que sempre há uma necessidade em fazer adaptações, olhando a peculiaridade de cada região.

Para o autor, é necessário que se avalie todas as especificidades de um país-continente, de modo que não se pode ter um pensamento único para usar de escopo, uma vez que exemplos de êxito acerca de desenvolvimento que ocorreu em uma determinada região, não significa que, se usar essa matriz em outra dimensão e/ou escala, que ela se dará da mesma forma. É fundamental que se analise toda a historicidade daquele local, para então ver quais são as demandas que se fazem necessário. Hoje há uma multiplicidade de demandas, em uma sociedade heterogênea, de modo que o pensamento localista, por si só não é o suficiente.

A sociedade humana é um grupo de cidadãos/sujeitos de um país, suscetíveis à mesma autoridade política, conceitos, normas, leis, e estão organizados socialmente e são governados por entidades que zelam pelo bem-estar desse grupo. No entanto, na atualidade, os indivíduos que fazem parte desta sociedade, estão mais atentos às ações dos governos/gestores públicos, acerca das discussões sobre o desenvolvimento.

Essa participação da sociedade é fundamental, pois marca o estado democrático da cidadania, e, discutir o desenvolvimento tendo por base o localismo, centra no sentido de que é na comunidade/sociedade, como sendo o local onde tudo parte, e o local onde tudo chega. É nesta

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

intenção que Brandão (2007) comenta que, nenhuma das escalas é boa ou melhor do que a outra, dada a importância que se deve ter com o local. Mas o autor adverte, “não se pode pensar em um espaço único, hegemônico para se pensar em produzir desenvolvimento, pois os demais espaços territoriais afetam e/ou são afetados pelas ações que ali ocorrem” (BRANDÃO, 2007).

É neste ambiente que Brandão aponta acerca da escala nacional, como sendo esta absolutamente fundamental para compreender qualquer uma das outras, sem ela não se conecta nem para um lado, nem para o outro, por conta da quantidade de variáveis absolutamente decisivas, principalmente na questão socioeconômica e historicidade local.

O autor ainda traz um grande desafio, que é uma concepção de escala múltipla, que ele denominou de Multiescalar, que é aprender a tratar dialeticamente as heterogeneidades estruturais (produtivas, sociais e regionais), de um país continental, periférico e subdesenvolvido, como o Brasil, a fim de fazer operar essa sua imensa diversidade e criatividade no sentido do avanço social, político e produtivo.

Nesta combinação, entraria a Monoescalar, que trata da visão local - ponto de partida; da escala Nacional, em que se verifica toda a heterogeneidade das estruturas (produtivas, sociais, regionais, políticas e culturais), buscando compreender as potencialidades na implementação de políticas públicas; e, a escala Continental, que proporciona a ampliação das escalas de produção, bem como, fomentar a apropriação de ganhos de escala e escopo, minorar problemas e potencializar desequilíbrios em cadeia.

Por meio desta ótica de uma escala Multiescalar, se trabalharia todas as questões de multiplicidade de cada território, ou seja, as heterogeneidades estruturais, diversidades e desigualdades como um campo interessante de diversidade de um país continental muito rico e complexo em todos os sentidos.

Assim, de modo geral, se percebe que as hegemonias, as hierarquias, as adversidades e as peculiaridades de cada território, são fundamentais para a discussão acerca do desenvolvimento nas diversas instâncias, ou nas diversas escalas e dimensões, seja para analisar situações passadas ou futuras.

Para exemplificar, o Cerrado Brasileiro ocupa uma área de 2.036.448 km², cerca de 22% do território nacional. É considerado o segundo maior bioma brasileiro em extensão e a mais rica savana do mundo em biodiversidade. São cerca de 10 mil espécies vegetais e, aproximadamente, 1.500 espécies animais. Muitas destas espécies são encontradas apenas no cerrado (espécies endêmicas).

Este bioma abrange totalmente o Distrito Federal e boa parte de Goiás (97%), Tocantins (91%), Maranhão (65%), Mato Grosso do Sul (61%), Minas Gerais (57%), além de cobrir áreas menores dos estados de Roraima, Amapá, Piauí, Rondônia, Mato Grosso, São Paulo e Bahia. Localiza-se em três das maiores bacias hidrográficas da América do Sul, (Tocantins-Araguaia, São Francisco e Prata) o que, de certa maneira, favorece sua biodiversidade.

A característica geral do bioma Cerrado é composta de vegetação densa, arbustos e gramíneas, árvores baixas e tortuosas. Os tipos de cerrado são denominados: Cerradão, Cerrado campestre, Cerrado rupestre, Cerrado típico, Campo cerrado, Campo limpo de cerrado e ou Veredas, Cerrado de matas e Cerrado de várzeas.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

O Agronegócio brasileiro e a monocultura são as atividades que mais se desenvolvem na atualidade, correspondendo 60% da produção de grãos no País.

Durante muito tempo, a maior extensão para cultivo de soja estava no Rio Grande do Sul e no Paraná. Mas nos anos 2001/02, o cenário mudou. Naquela safra, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás responderam por praticamente a totalidade dos quase 7 milhões de área plantada na região, ao passo que o Sul cultivou 6,8 milhões de hectares. Atualizando esses dados, o recém-divulgado 12º Levantamento de Safras, da Conab, estima que no ano agrícola 2012/13 os agricultores da porção central do País plantaram soja em 33% a mais de hectares que os sulistas, respectivamente, 12,8 milhões de hectares e 9,9 milhões de hectares.

Segundo o pesquisador da Embrapa Cerrados, Djalma Martinhão, o Cerrado tem potencial para expandir a produção sem comprometer o bioma, por meio do uso da tecnologia, pensando em um crescimento vertical. Para ele, este é o “momento de parar de abrir terra e usar o que tem, para melhorar a produtividade”. Ainda destaca “a rotação de culturas e a integração entre lavoura e pecuária como alternativas de melhor aproveitar a terra.

Há hoje no Cerrado mais de 50 milhões de hectares de pasto aberto com baixa produtividade, que poderiam ter seu uso aliado à agricultura. “Um fenômeno novo para cultivos sustentáveis é usar a matéria orgânica do solo” (Djalma Martinhão).

Ainda, as regiões do Cerrado são fortes articuladoras da indústria moveleira, cana de açúcar e a Pecuária (55% da carne bovina -12/13).

O enfrentamento maior hoje no Cerrado é acerca do desmatamento crescente. O bioma já perdeu até 2008, cerca de 47,84%, de sua cobertura de vegetação, dos 204 milhões de hectares (área original). Esses são apontamentos feitos pelo “Projeto de Monitoramento do Desmatamento nos Biomas Brasileiros por Satélite” (projeto de cooperação técnica entre o Ministério do Meio Ambiente - MMA, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD), executado pelo Centro de Sensoriamento Remoto do Ibama. A área desmatada até 2002 foi de 890.636 km², e, entre 2002 e 2008, esse valor foi acrescido de 85.074 km², o que equivale a valor médio anual de 14.179 km².

O desmatamento ocorre de modo intenso em função de suas características propícias à agricultura e à pecuária e da demanda por carvão vegetal para a indústria siderúrgica, predominantemente nos polos de Minas Gerais e, mais recentemente, do Mato Grosso do Sul. Do total de cerca de 9,5 milhões de toneladas de carvão vegetal produzido no Brasil em 2005, 49,6% foram oriundos da vegetação nativa (AMS, 2007). Ademais, 54 milhões de hectares são ocupados por pastagens cultivadas e 21,56 milhões de hectares por culturas agrícolas.

Para fazer frente a esse problema, o MMA lançou em setembro de 2009 a versão para consulta pública do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado - PP Cerrado, contendo iniciativas próprias ou das suas instituições vinculadas: Ibama; Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio; Agência Nacional de Águas - ANA e Serviço Florestal Brasileiro - SFB1.

O controle e monitoramento contêm ações de fiscalização ambiental, controle no contexto da gestão florestal e monitoramento (criação e aprimoramento dos sistemas de medição da perda da cobertura vegetal, detecção em tempo real). Também servirá para subsidiar o planejamento de ações de recuperação de áreas degradadas, na formação de corredores ecológicos e de mosaicos

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

de áreas protegidas, bem como fornecer subsídios para a elaboração do Inventário Brasileiro de Emissões e Remoções Antrópicas de Gases de Efeito Estufa.

O Cerrado Brasileiro é um bom tema para se analisar os ditos de Brandão (2007), em que ele defende um pensamento universal ou global, para se discutir “desenvolvimento”.

Na dimensão deste bioma, se percebe uma vasta transposição de fronteiras, uma vez que ele abrange 13 Estados do Brasil.

Verifica-se aqui, que um pensamento localista não contemplaria as discussões e dinâmicas do desenvolvimento do Cerrado, pois cada território envolvido, pois mais que possuam características semelhantes, são amparados por fatores diversos, compreendidos de formas diferentes, pois o que possa parecer desenvolvimento para alguns, para outros, passa a ser a destruição e degradação do meio ambiente.

Neste caso, os anseios locais devem ser observados, no entanto, para uma política efetiva de desenvolvimento, se faz necessário um olhar por meio de uma escala Nacional, para que haja uma interlocução entre os diversos estados que fazem parte do Cerrado Brasileiro.

Assim, a escala Multiescalar, vem ao encontro de que, para pensar no desenvolvimento do Cerrado, se faz necessário trabalhar todas as questões de multiplicidade de cada estado; suas heterogeneidades estruturais, diversidades, peculiaridades e desigualdades.

No aspecto geral, acerca da Metodologia aplicada na disciplina Dimensões e Escalas do Desenvolvimento no PPGDR da Unijuí, se verifica que todas as discussões foram pertinentes para a compreensão sobre a temática “desenvolvimento nas escalas e dimensões globais”, de modo que, se percebe que as discussões estão ancoradas nos conceitos trabalhados na obra de Brandão, desde as interações em grupos, as implicações em relação as diversas dimensões de desenvolvimento.

Se percebeu que todas as escalas do desenvolvimento têm sua importância, de modo que não há como se pensar o desenvolvimento tendo apenas por base o localismo. É fundamental que se circule por todas as escalas, uma vez que todas se inter-relacionam.

É fundamental que se tenha coerência nas dinâmicas de discussões sobre o desenvolvimento, e que, não se delimite regiões. Transpor fronteiras, abrindo horizontes, possibilitará uma discussão e um olhar por meio de todas as matrizes do desenvolvimento, olhando por todas as escalas possíveis, de modo a estabelecer qual é a melhor forma de se pensar o desenvolvimento de um determinado território (escala ou dimensão).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se observou que o contexto histórico pode ser uma base na análise para se verificar como ocorreu o desenvolvimento de territórios, e isso pode ser analisado a partir de uma escala global. Ou seja, partindo de uma premissa de mundo, passando pela dimensão de continentes, países, estados, regiões, cidades, bairros, indo para divisões de biomas, divisões socioeconômicas, produtiva, ambiental, tecnológica, educacional, etc.

Se verifica que é necessário que se analise/entenda o desenvolvimento por todos os aspectos, em todas as escalas e dimensões, uma vez que se entende que escalas do desenvolvimento são regiões em que se planeja fomentar alguma atividade/ação voltada ao desenvolvimento e dimensões do desenvolvimento são áreas que se pretende desenvolver. Com isto, pode-se dizer que as escalas e dimensões são conexas e se inter-relacionam, pois, a definição de ambas sugere que são

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

fundamentais para qualquer projeto de desenvolvimento.

Palavras- chave: Localismo; Cerrado Brasileiro; Potencialidades

Keywords: Localism; Brazilian Cerrado; Potentiality

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos. TERRITÓRIO & DESENVOLVIMENTO: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

EMBRAPA, CERRADOS (www.embrapa.br) acessado em 26/05/2018.

RIBEIRO, José Felipe. EMBRAPA/CERRADOS. Brasília, 2006.